

Cadernos de estágio

Brincos de prata, efemeridade e docência

*Bruna Gomes*¹

Informações

1 bruna.pessoa.gomes@hotmail.com

Como citar este texto

GOMES, Bruna. Brincos de prata, efemeridade e docência. Cadernos de Estágio, v. 8, n. 1, 2026. DOI: [10.21680/2763-6488.2026v8n1ID37894](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2026v8n1ID37894).



Deleitável leitor;

Esta crônica é fruto das minhas experiências nos Estágios de Docência durante a disciplina Estágio Supervisionado de Formação de Professores, em especial, durante o último estágio ministrado, correspondente à docência em Ensino Médio.

Escrevo essa crônica com uma sinfonia de sentimentos em meu coração, no qual ruminaram centenas de ideias até finalmente chegar a este modesto modelo. Sente-se em um banco confortável, tome um café de qualidade questionável e venha se aconchegar um pouco em meus medíocres (mas talvez, interessantes) pensamentos.

Primeiro dia de aula. Poli meus brincos e colar de prata que me foram dados de presente pela minha iminente formatura, todos com cristais cintilantes. Estes brincos serão importantes em alguma parte desta trama, então não esqueça deles.

Depois da prataria, preparei o sapato e o vestido que julguei mais adequado para as aulas. Mil coisas vinham à minha mente.

2

“Azul-escuro é a cor que passa confiança, devo investir nisso e usar algo logo e modesto, para transmitir seriedade.” Ora, todos os detalhes importam aqui!

O perfume, mediano, para não irritar os olfatos duvidosos.

Preparo a aula toda em um guardanapo de papel algumas horas antes de ir, ponho na bolsa e começo a entrar em trabalho de parto para gerar a minha primeira aula.

Leitor, você já teve a experiência de ministrar uma aula?

Pergunto, pois tenho a curiosidade de saber se mais alguém se sente como o maior dos farsantes quando tudo termina.

Quando a aula começa, as palavras simplesmente deslizam para fora dos meus lábios, como se fosse óleo saindo do bico de uma garrafa, suave e quente, sem dificuldade. Os anos de conhecimento forjado na graduação te dão alguma autoconfiança de ter o que dizer.

Mas mesmo que as palavras saiam fáceis e eu possa fingir algum charme, tal qual seria um animal premiado em exposição, sempre termino essas experiências didáticas com o coração fragmentado como um cristal negligenciado. A verdade é que sempre penso que todas as aulas que ministro são supérfluas demais. Ao comparar-me com os grandes mestres que me forjaram como um bom ferreiro molda o ferro à brasa e à água efervescente, sinto que não conseguiria moldar nem mesmo um pedaço de papel. A minha pequenez se mostra visível dentro de mim e tilanda em todas as aulas que dou. A verdade é que, por trás de toda a imponência que posso esconder por baixo de roupas longilíneas e jóias polidas, sou frágil e assustada como um gato. Vulnerável.

Afinal, eles entendem realmente o que eu estou dizendo? Elogios, quaisquer que sejam, devem ser por simpatia ou pena, ou talvez, eles só não saibam que há pessoas que possam fazer melhor.

Acabo a aula, disfarço essa miríade de pensamentos com um sorriso desconcertado, vou corrigir as provas.

3

Costumo colocar bilhetes nas provas que corrijo com o seguinte critério: notas muito altas e notas muito baixas.

Se o aluno tirar uma nota muito baixa, eu sempre pergunto o que aconteceu e digo que ele não deve desistir e que é muito inteligente apesar disso. E, se tira uma nota satisfatória, parableno-o pelo bom trabalho e peço para continuar assim. Há algo de reforço positivo nisso, penso.

Eu acredito que devemos, como docentes, sermos os primeiros a acreditar incondicionalmente nos nossos alunos. Eles podem não ter esse apoio em casa, e pior: podem não ter esse apoio dentro de si. Se nós não crermos que nossos pupilos são maiores do que um intervalo de números entre 1 e 10, que tipo de educadores somos? Precisamos ter brio.

Corrijo silenciosamente, o trabalho é árduo. Muitas notas baixas requerem muitos bilhetes e muita atenção que desejo dar. Culpo-me um pouco pelo estado, mas também tento me dar a trégua de saber que há problemas educacionais que vieram muito antes de mim, e que não poderei reparar em 12h de docência.

Pego meu carro, vou embora da sala, chego em casa, tiro esta patifaria teatral, por

último, os brincos:

Quando fui à loja para escolher os brincos que receberia de presente, a vendedora me disse algo que ficou encrustado em minha mente, ela disse que a prata do brinco era “para sempre, eterna”. Isso me deixou muito encucada.

Quando a aula acabou, fiquei encarando aqueles brincos por um tempo, eles foram presente de natal dos meus amados pais. “Para sempre”.

E é verdade, a durabilidade do metal é impressionante. Mas me deixou incomodada pensar que estou usando algo que vai durar mais do que eu. Sempre tenho plena consciência de minha mortalidade e finitude, e agora, penso que aquele par de brincos vai durar na terra mais do que eu, e talvez até adornar a orelha de outra pessoa. Como sou pequena! vencida temporalmente por algo tão pequeno como um brinquinho de brilhantes! Como pode a minha existência significar coisa alguma? Como posso eu, algo tão passageiro e fugaz, ser capaz de marcar a vida dos meus educandos?

Tive uma crise existencial por alguns minutos e depois tentei deixar para lá.

4

Sabe, quando um médico paliativista diz que você vai morrer, não há espanto ou surpresa sobre isso, todos vamos morrer (e muito em breve, se considerarmos o tempo geológico da Terra), a surpresa é em quanto tempo você vai morrer. É isso que, afinal, não sabemos. O final você já sabe qual é, a diferença é a jornada.

Leitor, por mais que nossas existências sejam curtas e até mesmo menores do que algumas árvores, pensei que ainda podemos fazer algo com ela. Somos pequenos, frágeis e mortais, é difícil dizer com exatidão o que ocorre após tudo isso, mas posso dizer com prazer que educar pessoas foi aquilo que trouxe alguma cintilação de felicidade na minha vida. Sempre me senti pequeno, fútil, descabido das grandezas que esperavam de mim. Acho que nem eu mesmo esperava grande coisa de mim.

Mas ensinar algo para alguém é poderoso.

Um dia, um professor da educação superior me recomendou um livro chamado “A morte é um dia que vale a pena ser vivido” (prometo não tentar deixar as coisas mais fúnebres do que já estão), e com este livro, conversamos sobre a finitude e

sobre como deveríamos viver a vida com mais leveza e nossa finitude como um presente. Quando minha avó faleceu, se não fosse aquele professor e sua recomendação, se não fosse aquela aula, eu talvez não tivesse mais forças para escrever isto, meu prezado leitor. Aprendi tantas coisas úteis com meus mestres que decidi que ser um deles poderia ser a maneira de agradecê-los pelas bênçãos que me deram. O conhecimento não tem preço e é a maior jóia que podemos dar a alguém, mais valiosa que o ouro, a prata, safiras ou diamantes. Talvez safiras e diamantes durem quase para sempre, mas o conhecimento que passamos forma caráter. Ensina as pessoas a serem melhores, a não aceitarem cegamente tudo que lhes foi destinado. Consegue pensar em uma safira fazendo isto? Acredito que não. São belas, mas não têm personalidade. O conhecimento nos dá o empoderamento de entendermos como as coisas funcionam, e sabendo como as coisas funcionam, talvez possamos ter algum controle sobre todo o processo.

Que grande honra ser um professor! Para mim, não há maior! Por isso sou um covarde, os ossos batem por dentro em toda aula, mas o coração sustenta meu esqueleto com as cordas do amor e da bonança: eu tenho esperança de um dia ser grande, não por mim, mas pelo outro!

5

Se algum dia eu tiver a perspicácia de ser alguém, eu posso fazer a vida de outro alguém mais feliz, mais completa, mais congruente.

Pois é assim que eu me sinto quando aprendo algo novo. Sinto como se ganhasse um novo poder e ninguém pode arrancar de mim.

Eu acredito, apazível leitor, que se você também for educador, sente-se ou já se sentiu assim: como se sua aula de nada valesse. Mas escute o conselho de alguém que ainda não é nada, se houver espaço em sua consciência:

Se o seu coração é grande, sua audácia é de ferro, sua empatia é aconchegante como um quente cobertor e sua mansidão é verdadeira, continue tentando. Às vezes, até aquele grande professor ou colega que você admira também tem medo e muitas inseguranças, mas tentou superá-las de alguma forma, graças às virtudes que um homem pode cultivar.

Há alguma beleza nisso!

Nós não lutamos contra moinhos de vento, nossos inimigos são reais e lutam todos os dias para que nossos alunos sejam cada dia mais superficiais, tolos e sem poder de escolha. Não podemos desistir, e devemos fazer os inimigos corretos. Inclusive, permita-me trazer um trecho muito interessante sobre isso.

“Você não tem inimigos, você diz?

Ai de mim!

Meu amigo, a sua ostentação é pobre;

Aquele que se misturou na briga do dever, que os bravos suportam, certamente deve ter feito inimigos!

Se você não tem nenhum...

Pequeno é o trabalho que você fez.

6

Se você não atingiu nenhum traidor no quadril,

Se você não tirou o copo de um lábio perjurado,

Se você nunca transformou o errado em certo,

Então...

Você foi um covarde na luta.”

Este é um poema de Charles Mackay que sempre gosto de lembrar nestas situações. Devemos lutar e sim, fazer alguns inimigos. Mas nossa luta é nobre e nosso trabalho é longo. Toda pequena boa-fé é bem-vinda, e quando nos juntarmos, ergueremos um caramanchão com as flores de nossas conquistas.

Terminando esta crônica, talvez eu pense que não sou tão covarde como penso. Talvez.